

RUSHDIE, Salman. *Haroun and The Sea of Stories*. London: Granta Books, 1991 [1990], 217 p. (*Haroun e o mar de histórias*: Companhia das Letras, 1998. Tradução Isa Mara Lando.)

Izabel Brandão*

O escritor Salman Rushdie tornou-se famoso no final dos anos oitenta, quando o aiatolá Khomeini, através de uma *fatwa*, decretou sua morte porque seu livro *The Satanic Verses* (traduzido como *Os versos satânicos*), segundo o fundamentalismo islâmico, atentou contra os princípios da religião do profeta Maomé. Por curiosidade, li o livro escondida no meu pequeno apartamento de Ranmoor House, o alojamento onde morei durante o tempo em que vivi em Sheffield, na Inglaterra. Não que fosse “proibido” ler o livro, mas quem queria lê-lo, fazia-o discretamente. Assim, até leitores/ leitoras do escritor anglo-indiano foram submetidos a uma espécie de censura pelo fundamentalismo. E o escritor, todos sabem, passou mais de uma década escondido e com proteção do governo britânico.

Essa morte anunciada de Rushdie não o impediu de continuar buscando a liberdade. Pelo contrário, talvez a clausura o tenha levado a procurar no seu ofício as saídas possíveis. Muitos livros foram publicados por ele, livros cujas histórias são endereçadas não apenas aos adultos, mas também às crianças. E é desse Rushdie, autor de histórias infantis, que quero falar.

Em 2004, pensando nos/as meus/minhas alunos/as de Letras, da UFAL, adquiri *Haroun e o mar de histórias*, livro de Rushdie publicado em 1990 e traduzido para o português em 1998, para a Companhia das Letras. Ao ler as primeiras páginas, fiquei encantada com a tradução impecável e fluida de Isa Mara Lando e decidi ler o livro em voz alta para o meu filho, na época com dez anos. Todas as noites lia um capítulo e só interrompia quando via Pedro já mergulhado em sono profundo.

O que tem o livro de tão especial? Um dos méritos, além da fantástica história escrita por Rushdie, é a sua tradução, que consegue fazer com que não desgrudemos os olhos e os ouvidos da narrativa. A tradutora conseguiu um feito quase mágico: sua tradução é delicada, engenhosa e de uma fluidez só possível quando alguém constrói uma identidade com o texto traduzido. É como se o livro tivesse sido originalmente escrito em português e não em inglês.

* É professora associada de literatura de língua inglesa da Universidade Federal de Alagoas, atuando na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. É também pesquisadora do CNPq.

Isso é importante porque é essa fluidez que pode levar pais ou mães, ou quem quer que goste de contar histórias em voz alta, a se encontrarem com seus filhos e filhas na hora de dormir. Esse encontro proporcionado pelo belo livro de Rushdie faz com que se crie um elo afetivo com a leitura, hoje tão descartada pela imposição da televisão nas nossas vidas cotidianas. O romance traz de volta esse contato que foi melhor aproveitado por outras gerações, anteriores à era virtual.

O enredo do livro de Rushdie aborda o que de mais gostoso a infância pode trazer para as crianças, que é o contar/ouvir histórias. O próprio título do livro já traz essa informação: *Haroun e o mar de histórias*. Contar histórias faz parte de uma tradição milenar que remonta ao tempo em que estas eram passadas de geração a geração, através de narradores e narradoras. Uma das mais conhecidas é Sherazade, aquela princesa que, para não morrer, passou mil e uma noites contando histórias para o Rei Shariar até convencê-lo que nem todas as mulheres são infiéis.

A história de Haroun é como uma teia cujo fio é infindável e assim o seu mar de histórias se constrói: ele é um menino de nove anos cujo pai é um contador de histórias e a mãe uma dona de casa insatisfeita. O menino é especialmente encantado com o pai, mais conhecido como “o Xá do Blábláblá” (em inglês “the Shah of Blah”), devido ao seu dom de contar histórias. Quando sua mãe, oprimida pelas imposições da tristeza que envolve a cidade, foge com o vizinho, o pai perde o poder de contar histórias, seu ganha pão. Cabe ao menino Haroun desvendar todo o mistério da trama. Nessa brincadeira, Rushdie traz, numa linguagem simples, direta e cheia de bom humor, todo um contexto social e político, em que políticos corruptos e infelizes com a alegria alheia, querem roubar do povo essa alegria, destituindo sua liberdade de rir, de falar ou simplesmente de viver. E nessa onda, caminhamos por lugares fantásticos e fantasiosos, voando num gavião-avião, conversando mentalmente com o gavião MasMas, o gênio Iff, que vive vestido em calças que lembram gordas berinjelas, e descobrindo mundos em que as histórias estão acabando devido à “poluição” causada por um regime político autoritário que quer impedir as pessoas de serem felizes.

Cada uma das doze histórias é independente mas formando um todo interligado por um novo mistério a ser desvendado por Haroun. É claro que há um final feliz, porque, afinal de contas, a imaginação pode tudo, inclusive recomençar do zero.

A lição da liberdade de pensamento é o maravilhoso aprendizado que Rushdie traz para nós leitores/ leitoras de dez, vinte, trinta, oitenta anos. As

ameaças que o ser humano está sujeito em sua vida encontram um caminho de resistência no espaço da imaginação, um mundo livre e sem fronteiras, que nenhuma *fatma* (ou políticos corruptos) pode destruir.

Rusdie é hoje um homem livre e pode viajar o mundo, como fez recentemente, quando esteve no Brasil para o FLIP, festival literário internacional que reuniu em Parati (Rio de Janeiro) escritores/escritoras do mundo inteiro. Sua literatura sempre foi um testemunho à liberdade e é isso o que torna a arte imprescindível sempre.

Haroun e o mar de histórias é um livro para crianças de todas as idades. Por isso vale experimentar especialmente a leitura em voz alta, ao lado de seus/suas filhos/filhas. Rusdie o dedica ao seu filho Zafar e, através do enigmático acrônimo

Z embla, Zenda, Nanadu
 A ll our dream-worlds may come true.
 F airy lands are fearfulsome too.
 A s I wander far from view
 R ead, and bring me home to you[.]

nos desvela o seu exílio, levando-nos também a desvendar o mistério das histórias contemporâneas cuja textura nos remete a passados tempos, na mesma medida em que nos pede o asilo afetivo que a leitura pode proporcionar. Foi, para mim e Pedro, o retomar de um caminho super carinhoso que nos trouxe de volta a força do afeto na hora do sono, a partir do saudável hábito de ler que nos abre imensos mundos onde imaginação e realidade constroem e consolidam relações.